A reviravolta e a quarentena mortífera (XXI)

Um tanto entediado da quarentena, ainda mais depois de nosso rompimento passional, até achei bom levar Dona Zilá (minha sogra) na rodoviária.

O uber parecia uma cápsula espacial dessas que o ministro astronauta bolsonarista deve ter usado. O motorista com três máscaras, uma de pano, uma de acrílico e uma que não consegui decifrar, acho que de teflon acetinado, estava confinado num cockpit de Fórmula 1.

Dona Zilá, ansiosa para encontrar sua sobrinha Berenice em Atibaia, não olhava para os lados.

Cometi o desatino de querer trocar uma ideia com o motorista do Uber sobre o trajeto... eu falava ele não ouvia... eu batia no cockpit... ele fingia que não ouvia... resolvi ligar p'ra central do Uber... não sei se a voz era de Itajubá, Frankfurt ou Seul... nada...

Aí Dona Zilá falou: *"Esse camarada está andando devagar. Vou perder o ônibus!!"* Calma, sogra, balbuciei. *"Calma porra nenhuma..."* E deu um murro no cockpit. Nada. Deu outro, mais potente. Nada.

Aí, não acreditei no que vi! A velha levantou a perna com a haste de titânio, as partes pudendas expostas e desferiu um pontapé no cockpit do obrero em pleno exercício de seu ofício. Com a freada inesperada, Dona Zilá ficou de cabeça pra baixo em cima de mim no banco da frente. O ritual para desmontar a cápsula espacial levou o tempo do isolamento social do prefeito Crivella, ou seja, quase nenhum, mas cheio de idas e vindas intermináveis.

Esbravejando em mandarim, o uberista conseguiu retirar a sogra de cima de mim, os dois começaram a discutir e nenhum dos dois ouvia os impropérios - ela por ser ½ surda, ele por não entender o que ela dizia -. A muito custo, acalmei os dois, pedi desculpas e ele apontou para dez metros adiante.

Estávamos na rodoviária!! Consegui endireitar Dona Zilá e com o andador-bengala corremos ao guichê pra retirar a passagem. Corremos, não, andamos o mais depressa possível, mas chegamos a tempo: faltavam 20 minutos pra sair o ônibus. Dona Zilá entregou a ele o celular com a mensagem do zap que a Berê lhe tinha enviado, com o bilhete da passagem. O atendente muito simpático, desses que respeitam idosos, olhou, mexeu, revirou e depois de alguns minutos perguntou: *"A senhora leu a mensagem seguinte?"* Com o não afirmativo da velha, ele continuou: *"Titia, tive que cancelar a passagem, um amigo do meu namorado que estava aqui na casa foi preso pela Polícia Federal. Estou tentando um passaporte diplomático pra ir pra Miami. Assim que as coisas acalmarem eu ligo pra senhora. Beijo nessa bochecha linda!"*

Na hora pensei *"vai sobrar pra mim."* Ainda bem que Calissa (minha filha) tinha desistido de ir com a avó. Dona Zilá pediu pra sentar em algum lugar pra pensar o que ia fazer. Foi difícil conseguir uma mesa vazia pra tomar um café. O isolamento social enche as mesas de vazio interditado.

A sogra não parava de olhar o celular em completo silêncio. E eu mais silencioso ainda pra não cutucar a fera com vara curta. Lá pelas tantas ela decretou: *"Vamos pra Itaipava, é mais perto e tem passagem. O Rogério falou que nós podemos ficar no quarto dos fundos."* Aquele *nós* me soou como uma bomba.

Rogério, meu cunhado, cheio de não me toques e o maior pão-duro que eu conheci na minha vida. O mesmo que eu sempre achei que não ia com a minha cara, ia me receber na casa dele com a mãe dele em plena pandemia? Perguntei à sogra se eu tinha que ir com ela e ela foi categórica. *"Ele disse aqui no zap que eu só posso ir pra lá se você for também. O Rogério sabe que eu gosto de você e que você vai cuidar muito bem de mim..."* Quando cheguei em Itaipava, carreguei logo o celular pois a Marli (minha mulher) devia estar preocupada. *"Por que você e mamãe há horas não atendem o telefone? Quer me deixar maluca?"* Respirei fundo e falei: *"estamos em Itaipava na casa do Rogério."* Antes dela desligar o telefone na minha cara só deu tempo de ouvir *"Rogério? Não acredito! À puta que os pariu!!"* •••